



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de atividade no Brasil. No exterior, China divulga PIB; enquanto bancos abrem temporada de balanços nos EUA

As atenções da semana estarão voltadas para os indicadores de atividade de novembro, que devem ajudar o mercado a ajustar as expectativas para o desempenho da economia no último trimestre de 2024. Após a decepção com os números do varejo e da indústria, o foco estará nos resultados das *proxies* mensais do PIB e do setor de serviços, onde irá avaliar se estes também apontam sinais de desaceleração. O resultado do setor de serviços será divulgado pelo IBGE na quarta (15), com expectativa de queda de 0,4% no mês, após duas altas consecutivas. Já as *proxies* mensais do PIB serão divulgadas pelo Banco Central (índice IBC-Br) na quinta (16) e pela FGV (Monitor do PIB) na sexta (17). Para o índice IBC-Br, espera-se um leve recuo de 0,1% no mês, refletindo os desempenhos negativos apresentados pelos indicadores setoriais no mês. Caso se confirme, o resultado deixa um carregamento estatístico de 0,8% para o 4º trimestre, mostrando arrefecimento da economia no final do ano, após alta de 1,2% no 3º trimestre.

No campo inflacionário, a FGV divulga o IGP-10 de janeiro na sexta (17), que deve mostrar alguma dissipação das pressões dos preços no atacado. O índice deve subir 0,65% no mês, abaixo do observado em dez/24 (+1,14%), refletindo a devolução parcial das fortes altas observadas no fim de 2024 dos preços das principais *commodities* agrícolas, como soja, bovinos e milho. Ainda assim, o índice deve seguir acelerando no acumulado em 12 meses, passando de 6,61% para 6,84%.

No cenário internacional, destaque para a divulgação do resultado do PIB Chinês do 4º trimestre e consequentemente do ano de 2024. A expectativa do mercado é que o indicador apresente um crescimento de 5,0% em comparação com o mesmo período de 2023. Neste caso, o crescimento da economia chinesa ficará em 4,9% em 2024, em linha com a meta de "cerca de 5%" estabelecida pelo governo para o ano passado. O número, embora robusto em âmbito global, é considerado como uma nova realidade para o país, que apresentou taxas de expansão de dois dígitos até o início da década passada. A China tem enfrentado obstáculos significativos em sua economia, em meio à fraca demanda doméstica, crise no setor imobiliário e tensões comerciais com os EUA. Os dados serão divulgados na quinta-feira (16) à noite. No mesmo dia, também serão conhecidos os dados da produção industrial e as vendas no varejo referentes ao mês de dezembro.

Nos EUA, a semana traz dados de inflação e atividade de dezembro, que ajudarão os agentes econômicos a calibrar melhor os riscos que o Fed enfrentará na condução da política monetária ao longo de 2025. Na quarta (15), será divulgada a inflação ao consumidor (CPI), com expectativa de alta de 0,3% no mês, que levaria o indicador a fechar o ano em 2,9% (ante 2,7% em nov/24), abaixo do resultado de 2023 (3,4%), mas ainda distante da meta de 2%. Já o núcleo do CPI deve ter fechado 2024 em 3,3% (ante 3,9% em 2023), mostrando uma situação ainda mais desconfortável. No âmbito da atividade, na quinta (17) serão divulgados os dados do varejo, que deve subir 0,6% no mês, a quarta alta seguida, reforçando a força do consumo das famílias no país; e, na sexta (17), saem os números da indústria, que deve subir (+0,3%).

A semana também dá início a abertura da temporada de balanços corporativos do 4T24 nos EUA, com os resultados dos principais bancos do país. Na quarta-feira (15), saem os resultados do JP Morgan, Wells Fargo, Citi e Goldman Sachs, enquanto na quinta (16) o Bank of America divulga suas informações. No geral, o mercado estará atento à evolução da margem financeira das instituições, que vem sendo apertada pelo aumento do custo de captação, assim como no comportamento das provisões para devedores duvidosos (PDD), que vem subindo com o aumento da inadimplência. De toda forma, os principais bancos do país devem fechar o ano com números positivos, diante do patamar ainda saudável das margens líquidas.

Na Zona do Euro, será conhecida a leitura final do CPI de dezembro na sexta (17). O indicador deve acelerar para 0,4% no mês, fechando o ano de 2024 em 2,4% (ante 2,9% em 2023). Ainda na região, na quarta (15) será divulgada a produção industrial de nov/24.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
14/jan	Anfavea: Produção de Veículos	Dez/24	-	16,5% a/a
15/jan	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Nov/24	-0,4% m/m 3,3% a/a	1,1% m/m 6,3% a/a
16/jan	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Nov/24	-0,1% m/m 4,4% a/a	0,1% m/m 7,3% a/a
17/jan	FGV: Monitor do PIB	Nov/24	-	-0,5% m/m 5,4% a/a
17/jan	FGV: IGP-10	Jan/25	0,65% m/m 6,84% a/a	1,14% m/m 6,61% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
12/jan	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Dez/24	7,5% a/a -1,0% a/a	6,7% a/a -3,9% a/a
14/jan	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Dez/24	0,4% m/m 3,5% a/a	0,4% m/m 3,0% a/a
15/jan	Zona do Euro	Produção industrial	Nov/24	0,2% m/m	0,0% m/m
15/jan	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Dez/24	0,3% m/m 2,9% a/a	0,3% m/m 2,7% a/a
16/jan	EUA	Vendas no varejo	Dez/24	0,6% m/m	0,7% m/m
16/jan	China	PIB	4º tri/24	5,0% a/a	4,6% a/a
16/jan	China	Vendas no varejo	Dez/24	3,5% a/a	3,0% a/a
17/jan	China	Produção Industrial	Dez/24	5,4% a/a	5,4% a/a
17/jan	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Dez/24 – final	0,4% m/m 2,4% a/a	-0,3% m/m 2,2% a/a
17/jan	EUA	Construção de casas novas	Dez/24	2,8% m/m	-1,8% m/m
17/jan	EUA	Alvarás para novas construções	Dez/24	-2,2% m/m	5,2% m/m
17/jan	EUA	Produção Industrial	Dez/24	0,3% m/m	-0,1% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

IPCA fecha 2024 em 4,83% e volta a estourar o teto da meta

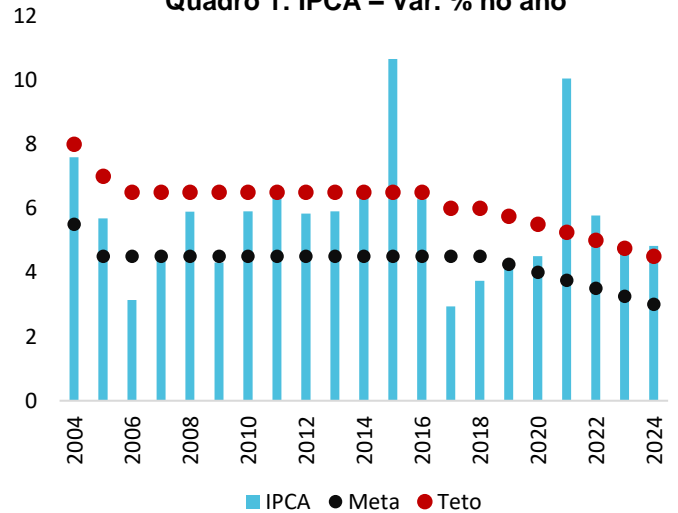
A inflação (IPCA) subiu 0,52% em dezembro, encerrando o ano de 2024 com alta acumulada de 4,83%, acima do teto da meta (4,50%) definida pelo CMN. O descumprimento repete o ocorrido em 2021 e 2022, obrigando o BCB a escrever uma carta detalhando as causas do desvio, medidas adotadas para assegurar o retorno da inflação aos limites estabelecidos e o prazo esperado para alcançar esse objetivo.

No mês, a alta veio em linha com o esperado, novamente pressionada pelos alimentos consumidos no domicílio (+1,17%), notadamente das carnes (+5,26%), que seguem impactadas por questões de oferta e aumento das exportações. O índice também foi pressionado pela alimentação fora do domicílio (+1,19%) e passagens aéreas (+4,54%), ambos associados à sazonalidade do período de férias. Na outra ponta, a entrada da bandeira tarifária verde (ante amarela) nas contas de energia elétrica fez com que o item mostrasse queda de 3,19%, subtraindo 0,13 pp do indicador.

No ano, o principal vetor de alta também veio dos alimentos consumidos no domicílio (+8,22%), pressionados especialmente pelos preços das carnes (+20,84%) e de derivados, como o leite (+10,39%). Além dos choques negativos de oferta associados às questões climáticas (El Niño no início do ano, enchentes no RS, queimadas e secas em diversos locais do país), pesou também o aumento da demanda, sobretudo externa, e a depreciação do câmbio. O comportamento do câmbio também elevou a inflação dos itens industriais, que acelerou na 2ª metade do ano, de 0,34% em maio para 2,88% (no acumulado em 12 meses) em dezembro. Outro vetor importante veio dos preços dos serviços (+4,77%), sobretudo dos subjacentes (+5,84%), que, mais sensíveis às condições de demanda, tem sido pressionados pela expansão da renda da população.

No geral, o dado acima da meta de 2024 refletiu não só fatores exógenos (choques climáticos), mas também provenientes do quadro econômico, como o forte dinamismo da demanda interna (hiato do produto positivo) e a depreciação do real. Esses fatores têm alimentado preocupações com a trajetória futura da inflação, levando a constantes revisões para cima das projeções, com o mercado já esperando um IPCA de 5,0% para 2025. Na margem, a leitura de dezembro veio relativamente em linha com o esperado, e não deve alterar o plano de voo do Copom, que deve fazer dois aumentos de 1,00 pp na Selic nas próximas reuniões.

Quadro 1: IPCA – Var. % no ano



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA – Var.% anual (por Grupos) em 2024



Fonte: IBGE

Quadro 3: Aberturas IPCA
Var.% anual e impacto no ano

	2023		2024	
	Var. (%)	Impacto (pp)	Var. (%)	Impacto (pp)
Livres	3,13%	2,36	4,89%	3,62
Alimentação no domicílio	-0,52%	-0,08	8,22%	1,26
Carnes	-9,38%	-0,27	20,84%	0,52
In natura	4,94%	0,11	-1,68%	-0,04
Industriais	1,09%	0,26	2,87%	0,67
Serviços	6,22%	2,18	4,77%	1,70
Serviços Subjacentes	4,82%	1,01	5,84%	1,22
Monitorados	9,12%	2,26	4,66%	1,21
Gasolina	12,09%	0,56	9,70%	0,48
Energia elétrica	9,51%	0,37	-0,37%	-0,02
IPCA	4,62%	-	4,83%	-

Fonte: IBGE

Em relação à atividade, os dados de novembro vieram mais fracos do que o esperado, indicando que a economia pode estar começando a dar sinais de desaceleração, em meio ao novo ciclo de alta dos juros e a piora dos ativos financeiros. Os resultados sugerem um desempenho mais modesto para o PIB do 4º trimestre, mas não o suficiente para alterar de forma substancial a percepção que a economia cresceu em torno de 3,5% em 2024.

As vendas no varejo (ampliado) recuaram 1,8% em novembro, bem pior que o esperado pelo mercado (-0,5%). O resultado deixou um *carry over* bastante modesto para o 4º trimestre, de apenas 0,1%, sinalizando um arrefecimento do setor no último trimestre do ano (após alta de 0,5% no 3T24).

No mês, o recuo foi disseminado em 7 das 10 atividades analisadas, com destaque negativo para os segmentos mais sensíveis ao crédito. Houve forte queda nas vendas de veículos (-7,6%), praticamente devolvendo a alta no mês anterior (+8,0%), e nas vendas de móveis e eletrodomésticos (-2,8%), influenciadas pela antecipação para outubro de promoções relacionadas à Black Friday, segundo o IBGE.

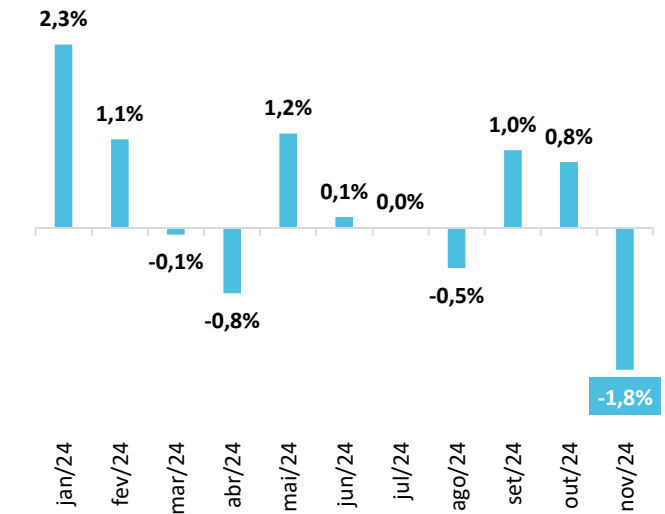
Ainda assim, as vendas no varejo continuam em patamares elevados e devem ter fechado 2024 com crescimento superior a 4% (expansão de 4,4% no acumulado até novembro), indicando um expressivo desempenho do consumo das famílias no período.

Já a indústria recuou 0,6% em novembro, em linha com o esperado (-0,7%), mas registrando a 2ª queda seguida. O resultado também deixou um *carry over* de 0,1% para o 4T24, mostrando também perda de intensidade do setor no final do ano.

No mês, o predomínio foi de taxas negativas, com queda em todas as 4 grandes categorias e em 19 das 25 atividades analisadas. Entre os grandes setores, destacam-se as quedas de bens de capital (-2,1%) e de bens de consumo duráveis (-2,8%), segmentos que vinham apresentando um desempenho bastante positivo no ano. Entre as atividades, destaque negativo para a produção de veículos (-11,5%), que mais do que devolveu os avanços observados nos dois meses anteriores. Também houve retrações relevantes na produção de produtos farmacêuticos (-5,4%), derivados do petróleo (-3,5%), alimentos (-1,2%) e fumo (-16,3%).

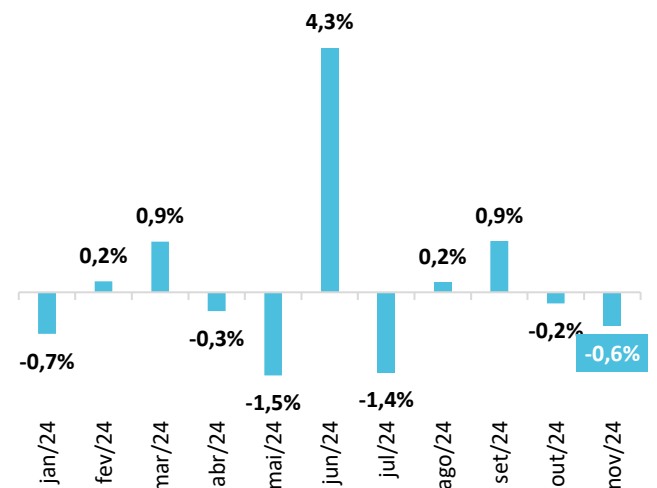
Apesar dos números recentes mais fracos, o setor ainda apresenta um bom desempenho no acumulado de 2024, onde registra crescimento de 3,2%, liderado pela indústria de transformação (+3,7%). No entanto, o resultado negativo pelo segundo mês consecutivo acende um sinal de alerta sobre o desempenho da indústria em 2025, diante da deterioração do cenário macroeconômico (alta dos juros e aumento das incertezas).

Quadro 4: Varejo Ampliado – Var.% mensal



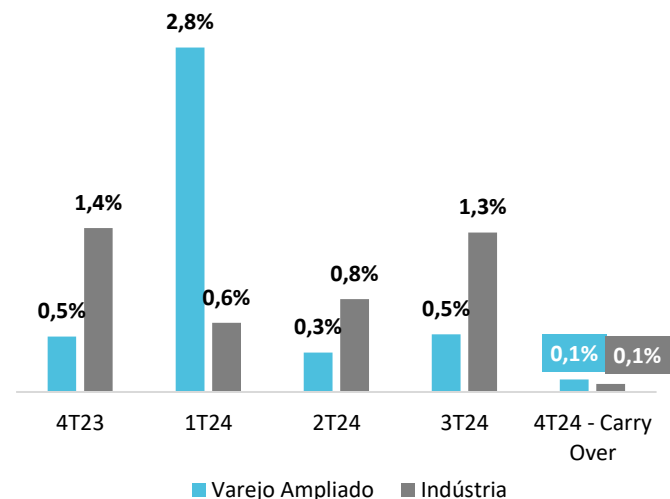
Fonte: IBGE.

Quadro 5: Produção Industrial Var.% mensal



Fonte: IBGE

Quadro 6: Varejo e Indústria Var.% trimestral e Carry Over 4T24



Fonte: IBGE.

A balança comercial registrou superávit de US\$ 4,8 bilhões em dezembro, fechando o ano de 2024 com saldo positivo de US\$ 74,6 bi, 2º melhor resultado da série histórica, atrás apenas do observado em 2023 (US\$ 98,9 bi). A redução do saldo ante o ano anterior se deu, em boa parte, em função da menor safra agrícola, queda nos preços das *commodities* e forte aumento das importações.

As importações somaram US\$ 262,5 bi em 2024, crescendo 9,0% no ano. Esse aumento foi impulsionado pela demanda interna aquecida, que resultou em uma expressiva alta nas compras de bens de consumo (+23,4%) e de capital (+20,6%), com destaque para a importação de veículos, que subiram 43,2% no ano. Já as exportações somaram US\$ 337,9 bi no ano, com queda de 0,8% ante 2023. O principal recuo ocorreu nos itens agropecuários (-11,0%), decorrente das quedas nas vendas de milho (-39,9%) e soja (-19,4%). Com isso, o petróleo (R\$ 44,8 bi, +5,2% no ano) se tornou o principal item da pauta exportadora brasileira em 2024.

Para 2025, a expectativa é que o superávit fique acima do observado em 2024, reflexo da recuperação da safra agrícola, taxa de câmbio em nível mais depreciado, além de alguma desaceleração da atividade doméstica, que deve conter o avanço das importações. Com isso, o superávit deve voltar para a faixa de US\$ 80 bi.

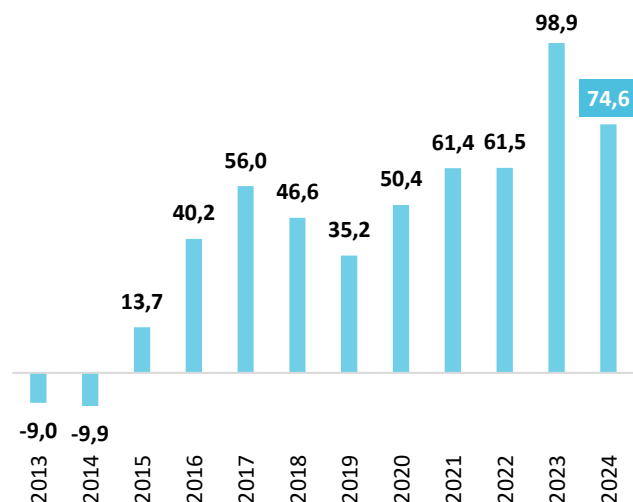
No campo fiscal, a Receita Federal informou que a arrecadação de impostos seguiu crescendo de forma significativa no mês de novembro. No mês, a arrecadação foi de R\$ 209,2 bilhões, alta real de 11,2% ante o mesmo período do ano anterior.

A alta da arrecadação seguiu disseminada entre os principais tributos, com destaque no mês para o PIS/Cofins (+17,7%), imposto de importação (+58,5%) e IRPJ/CSLL (+12,4%), beneficiados pelo forte nível da atividade econômica e o câmbio mais depreciado.

Com o resultado, a arrecadação federal de impostos atingiu R\$ 2,4 trilhões no acumulado do ano, equivalente a uma expansão real de 9,8% na comparação com o mesmo período de 2023.

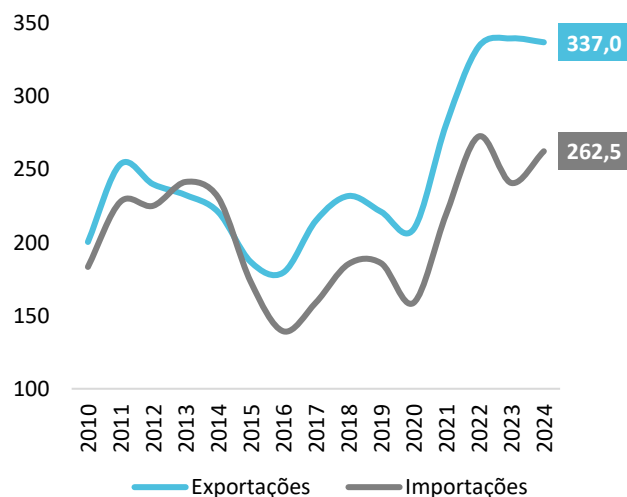
O desempenho expressivo da arrecadação no ano foi o principal fator para o cumprimento da meta fiscal no ano passado, conforme já adiantado pelo Ministro Haddad na última semana. Segundo o Ministro, o déficit primário foi de 0,1% do PIB, dentro do limite de tolerância (até 0,25%) proposto para o ano (ou, de 0,37% PIB quando se consideram as despesas para reconstrução do RS, que não foram computadas no cálculo da meta). Para 2025, é importante que o governo coloque um maior esforço no controle das despesas para seguir com o processo de consolidação fiscal.

Quadro 7: Saldo Comercial Acumulado no ano – em US\$ bilhões



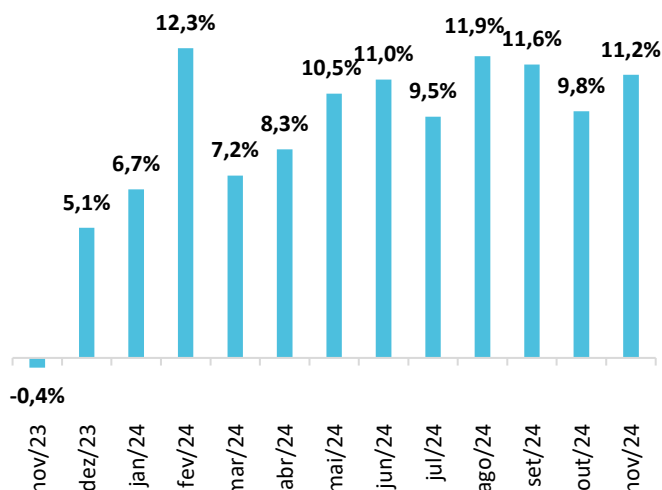
Fonte: Secex

Quadro 8: Exportações e Importações Acumulado no ano – em US\$ bilhões



Fonte: Secex.

Quadro 9: Arrecadação Federal de Impostos Var.% real ante o mesmo período do ano anterior



Fonte: RFB

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Expectativas de novas quedas dos juros perdem força nos EUA com payroll forte e Ata cautelosa

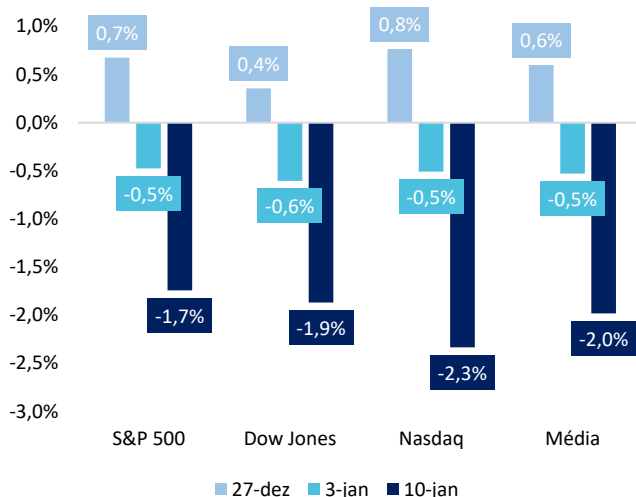
A primeira semana completa do ano de 2025 foi negativa para os principais índices acionários norte-americanos, tendo sido marcada pela avaliação dos agentes de que o espaço para a flexibilização monetária nos EUA em 2025 está cada vez menor, diante dos dados de emprego no país e a ata da última reunião do Fed (realizada em dez/24). Enquanto o *payroll* voltou a surpreender com dados mais fortes que o esperado, a ata trouxe sinais de bastante cautela por parte dos membros do Fed em seus próximos passos. Com isso, os rendimentos das *Treasuries* subiram, voltando a se aproximar do nível de 5%, atingindo o maior patamar desde outubro de 2023; e, as bolsas caíram na semana. Além disso, os acontecimentos recentes indicam que o cenário geopolítico deve ficar cada vez mais conturbado, adicionando incerteza aos agentes. Isso porque, Trump afirmou nos últimos dias que buscará ter controle sobre a Groenlândia e o Canal do Panamá, além de sugerir uma incorporação do Canadá pelos EUA.

O *payroll* registrou a criação de 256 mil vagas de emprego em dezembro, bem acima das expectativas (165 mil), mantendo a média móvel trimestral estável em 170 mil, sugerindo que o mercado de trabalho segue robusto no país. A taxa de desemprego caiu para 4,1% (ante 4,2% em nov/24). O lado ligeiramente positivo da divulgação veio dos ganhos salariais anuais, cuja alta em 12 meses desacelerou para 3,9% ante 4,0% no mês anterior.

Tais dados dão razão a cautela do Fed com relação aos seus próximos passos, sentimento que foi reforçado na ata de sua última reunião de 2024. Na ocasião, o Colegiado decidiu pela redução de 0,25 pp dos juros, levando os *Fed Funds* ao intervalo entre 4,25% e 4,50% aa, em decisão não unânime. O documento indicou que os participantes consideram estar “no ponto ou próximo do ponto apropriado” para desacelerar o ritmo de flexibilização, com um dos principais motivos sendo as incertezas sobre o escopo e efeitos econômicos das políticas de comércio exterior e a imigração, uma referência indireta às propostas de Donald Trump. Todos os participantes julgaram que essa incerteza era elevada.

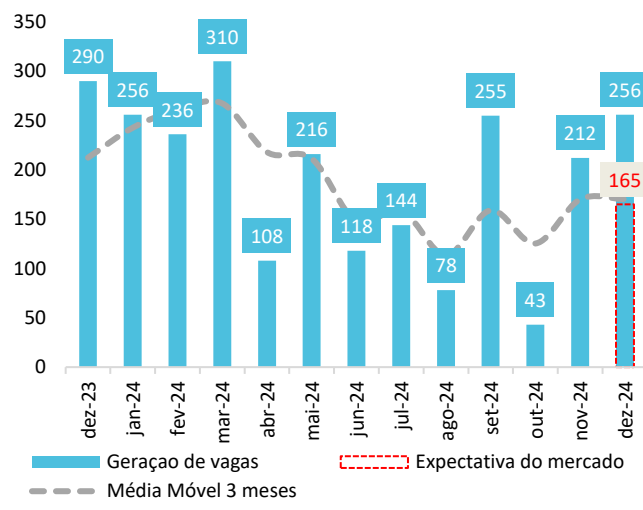
Por fim, na Zona do Euro, a prévia da inflação do consumidor (CPI) registrou alta de 0,4% no mês de dezembro, indicando que o indicador deve fechar 2024 com alta acumulada de 2,4%, abaixo do valor registrado em 2023 (+2,9%). Neste comparativo, interessante notar a desaceleração dos alimentos *in natura* (+2,9% em 2024; ante +5,9% em 2023), compensado pela estabilidade em +4,0% dos preços de serviços, que teimam em não arrefecer.

Quadro 10: EUA – Desempenho dos Principais Índices de Ações – Var. % semanal



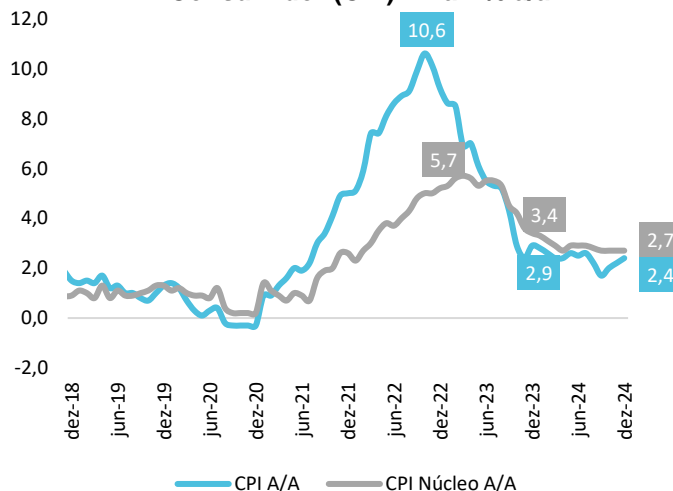
Fonte: Bloomberg..

Quadro 11: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 12: Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (CPI) – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Dez/24

CRÉDITO / BANCOS

A caderneta de poupança registrou captação líquida positiva de R\$ 5,0 bilhões em dezembro, segundo o Banco Central do Brasil (BCB). O resultado positivo em dezembro é comum, beneficiado pelo recebimento do 13º salário pelos trabalhadores. Com isso, interrompeu uma sequência de cinco meses consecutivos de saques líquidos na modalidade. De todo modo, a captação líquida de recursos em dez/24 foi a mais baixa para o mês (em termos reais) desde 2002.

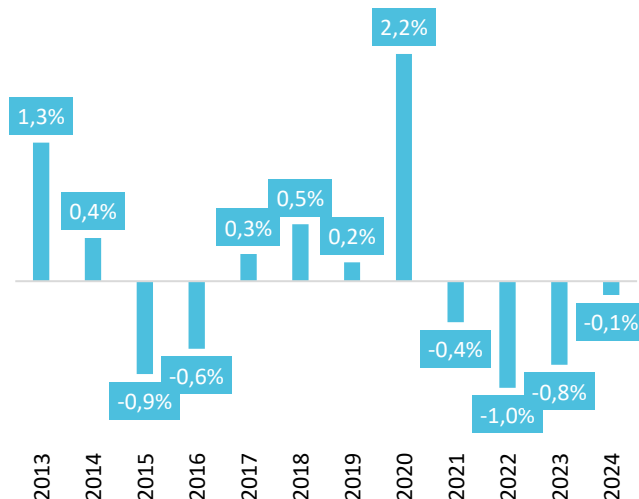
A caderneta de poupança fechou o ano de 2024 com captação negativa de R\$ 16,2 bi (ou -0,1% do PIB). Apesar de seguir registrando perdas, o resultado foi melhor do que o observado nos anos de 2022 (R\$ -115,9 bi; -1,0% do PIB) e 2023 (R\$ -94,7 bi; -0,8%). Assim, o cenário marcado pelo mercado de trabalho aquecido/expansão da renda e taxas de juros mais baixas (com queda da taxa Selic até o 1º semestre) ajudou a reduzir a velocidade de resgates da caderneta de poupança, apesar de não ter evitado integralmente tal movimento.

Desta forma, a caderneta de poupança fechou 2024 com saldo de R\$ 1,032 tri, valor praticamente igual ao do fechamento de 2023 (R\$ 1,031 tri), em valores já ajustados pela inflação. Contudo, em relação ao PIB, a modalidade seguiu perdendo participação, atingindo 8,8%, ante 9,3% em 2023 e 13,6% na máxima histórica atingida em 2020.

Com isso, é possível observar que tem havido uma mudança considerável na composição dos depósitos bancários nos últimos anos, como pode ser observado no Quadro 15. Até 2019, a caderneta de poupança representava cerca de 34% do total de depósitos, recuando de forma acentuada desde então, para 18,8% agora em dezembro. Na mesma direção, os depósitos à vista também tem perdido relevância, mas de forma bem menos intensa, de 9% para 7%. Por outro lado, a participação dos depósitos a prazo saíram de 45,0% para 58,1%, enquanto as letras de crédito (Agrícola – LCA e Imobiliária – LCI) subiram de 11,9% para 16,2% do total. Tal movimento parece ter importante componente estrutural e pode ser explicado pelo maior acesso às plataformas de investimento pela população e ao ambiente de elevadas taxas de juros, que estimula a busca por depósitos com maior rentabilidade.

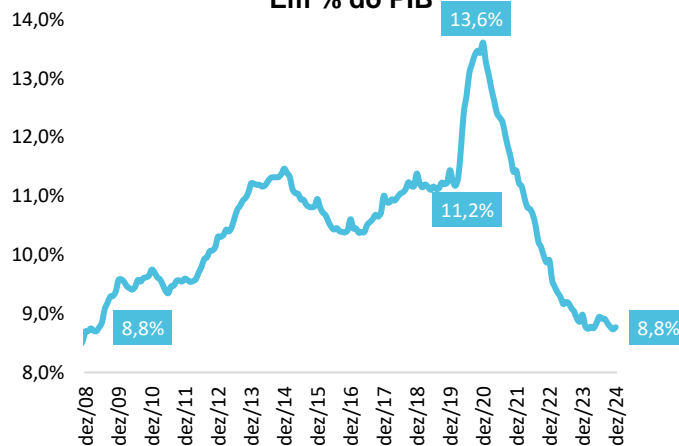
Com isso, a necessidade de discussão das fontes de financiamento do crédito imobiliário, que historicamente sempre contou com parcela relevante dos recursos da caderneta de poupança, deve voltar com alguma força em 2025.

Quadro 13: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Ao Ano - Em % do PIB



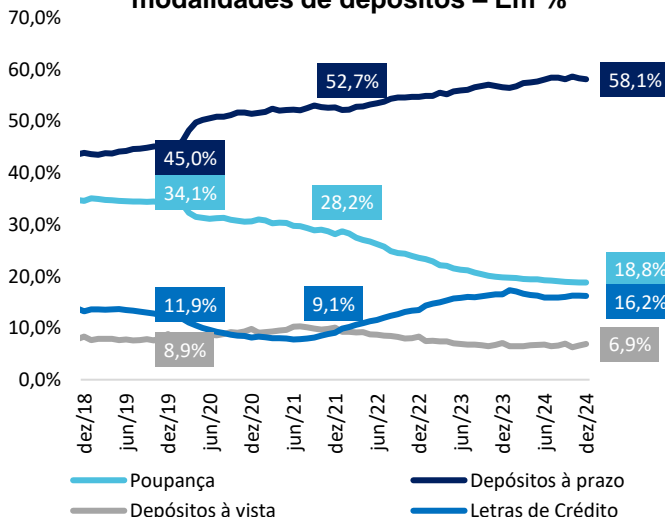
Fonte: Bacen.

Quadro 14: Saldo da Caderneta de Poupança Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 15: Evolução da participação das diversas modalidades de depósitos – Em %



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	10/01/25	03/01/25	13/12/24	Viés	10/01/25	03/01/25	13/12/24	Viés
IPCA (%)	5,00	4,99	4,60	▲	4,05	4,03	4,00	▲
PIB (% de crescimento)	2,02	2,02	2,01	↔	1,80	1,80	2,00	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	14,00	↔	12,00	12,00	11,25	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	6,00	6,00	5,85	↔	6,00	5,90	5,80	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	10/01/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	6,11	-1,25%	-1,13%	-1,13%	25,39%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	196,17	-3,24%	-8,76%	-8,76%	48,93%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	12,51	1,80%	1,54%	1,54%	8,66%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	15,10	0,14%	-2,01%	-2,01%	49,38%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	15,29	0,69%	-1,98%	-1,98%	49,11%
Índice Ibovespa (em pontos)	118.856,48	0,27%	-1,19%	-1,19%	-9,03%
IFNC (setor financeiro)	11.756,82	1,13%	-0,61%	-0,61%	-12,41%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,38	2,35%	3,24%	3,24%	3,16%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,76	3,52%	5,00%	5,00%	20,01%
Dollar Index	109,64	0,63%	1,40%	1,40%	7,18%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.827,04	-1,94%	-1,35%	-1,35%	21,90%
Índice de ações de bancos – EUA	115,37	-3,85%	-3,94%	-3,94%	8,86%
Índice Euro Stoxx 50	4.977,26	2,17%	2,22%	2,22%	12,04%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	149,99	3,39%	3,19%	3,19%	26,37%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	79,79	4,29%	7,26%	7,26%	3,07%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira